

Heidegger a Fenomenologia e o Poder

Emanuel Carneiro Leão

Para Heidegger, a fenomenologia não é um ponto de partida. Não se trata de assepsia para poder pensar. A Fenomenologia é antes de tudo um caminho, uma via de acesso de Ser para ser. Não é nem ponto de partida nem ponto de chegada para um relacionamento, mas sobretudo e em tudo a própria coisa, o exercício radical do pensamento. Sem fenomenologia não se dá nem pensamento nem realização do que é e está sendo, do que não é nem está sendo, do que está apenas vindo a ser. Tal é o sentido da expressão de E. Husserl, “die Sache selbst”, a própria coisa do pensamento. Coisa e causa não são apenas a mesma palavra, como sobretudo têm o mesmo sentido. Sentido é processo e dinâmica de realização de todo fenômeno. Por isso é que os gregos tomavam, como sinônimos, **ta onta** e **ta fainomena**. Ser é manifestar-se e encobrir-se na realização e não realização de todo sendo.

Uma das características da postura fenomenológica é a integração de princípio, meio e fim em todo e qualquer exercício de pensar. Por isso não há lugar nem possibilidade para qualquer numeração por fases ou etapas na criatividade do pensamento. O princípio é sempre o fim buscando realizar-se através e mediante dobras de realização. Não é possível distinguir, nem com nem sem dialética, princípio, meio e fim. O fenômeno do pensamento é o fenômeno de ser que está todo em cada processamento de seu desempenho. As diferenças são da apreensão e recepção da sua fenomenologia. Em dada altura do processo se apreende determinado nível, em outro se impõe outro nível de fenômeno. Um, porém, não é possível sem o outro. Para se compreender qualquer nível há necessidade de abertura dentro da própria evolução com o aparecimento das outras manifestações da mesma fenomenologia. A fase I é a fase II, é a fase III, é a fase n, buscando realizar-se. E a fase II, III, n é a fase I desdobrada em suas virtualidades. O consequente é o próprio antecedente desdobrado em seu

poder de manifestação. Eis porque as classificações de anterior e posterior não pertencem ao sentido de nenhuma fenomenologia. Sem anterior não se dá posterior e vice versa. O anterior como o posterior devem a própria força de seu vigor ao posterior e anterior respectivamente.

Somente através do que Heidegger pensou em *Ser e Tempo* é possível ter acesso ao pensamento do que há de ser pensado nos “*Beiträge zur Philosophie*”, nas *Contribuições para a Filosofia*. É a dinâmica de propulsão e andamento do “*Ereignis*”, da “*Par-usia*”. As *Contribuições* inauguram a tomada de pé na revolução do pensamento que *Ser e Tempo* articulou e exigiu transformações. É o outro advento de “outro” pensar que se impõe e manifesta, daí **par-ousia**, na própria exaustão das possibilidades realizadas no “primeiro princípio”. Nem Safranski, nem Ott, nem mesmo Trawny ativeram para onde passa *Ser e Tempo* e a “Parusia das *Contribuições*”. Pois tanto *Ser e Tempo* quanto *Beiträge* trabalham na construção de um mesmo caminho de pensamento, somente em estações e níveis diferentes da caminhada. As *Contribuições* se movem aquém da distinção entre sistemático e não sistemático, entre tempo e espaço, entre antecedente e consequente e demais dicotomias e qualidades metafísicas.

Agora talvez se possa compreender porque nenhuma classificação poderá dar conta do andamento de “envio e densidade” (*Ge-schichte*) na e da História do Ser (*Seynsge-schichte*). Nenhuma numeração constitui paradigma ou mesmo chave para se entender qualquer inteligibilidade característica de Ser e sua realização. Toda numeração é apenas “número” e nada mais, tanto no sentido de gozação, “é um número”, como no sentido de quantificação “Não passa de número”. Não se está, portanto, para abrir nenhuma compreensão de qualquer dicotomia, “verdadeiro X falso”, “bem X mal”, “uno X múltiplo”, etc. O pensamento da fenomenologia só se dá e acontece se cada caminho de seu percurso for indispensável e insubstituível para a caminhada de ser e não ser de todo e qualquer vir a ser. Se todo percurso não caminhar em todo curso não há nem caminhada nem andamento fenomenal.

Na fenomenologia aparece que a vida não é o conjunto nem a sucessão de fatos e feitos. Viver consiste antes enunciar relações de Ser num horizonte de articulação de modos de dar-se e ocorrer do Ser. Todo viver para e da vida tem de ser criativo de outras

possibilidades de transformar igualdades numa dinâmica de identidade. A identidade não tira. A identidade dá a união das diferenças com a igualdade e vice versa. Em toda união acontece uma comunidade recíproca de constituição entre igualdade e diferença. Para ser igual a igualdade necessita das diferenças tanto quanto as diferenças necessitam da igualdade para constituírem sua identidade.

Quando se diz, mas sobretudo quando se procura entender uma realização por um princípio ou que toda realização encontra a força de suas virtualidades em seu princípio, comete-se uma violência contra a originalidade da História em sua verdade. Em nenhum princípio a História está em causa mas ocorre apenas uma negação da criatividade na e da História na verdade de seu ser. Esta negação geralmente é conhecida pelo nome de “historicismo”. Todo historicismo de qualquer observância, não tolera que a História tenha originalidade e crie seus próprios desdobramentos nas épocas. Justamente por ser e para ser histórico, nenhum pensamento pode ser compreendido por redução, i. é, por seus antecedentes e ou consequentes. Ora o grande na história é justamente o que não se pode compreender e ou explicar; tanto pelo que já veio como pelo que está por vir. Tudo na história é originário, proveniente de um mistério de criação. O pensamento de I. Kant p. ex., não pode ser reduzido nem ao que o antecedeu nem ao que o seguiu. Todo criador é irreduzível justamente por criar e ser criador. A única condição de se assentir a um pensamento está em consentir em aprender a pensar com e pela novidade do próprio pensamento.

A vida do pensamento não é nem pode ser reduzida a nenhuma cronologia de primeiro, segundo e terceiro. Pois é próprio de toda criação criar seus próprios meios e padrões de origem. Nenhum pensamento é cronológico para ser e poder ser temporal. Temporalidade é sinônimo de criatividade. Todo pensamento cria suas próprias relações consigo mesmo e com todas as suas obras.

A concordata entre o Vaticano e o governo de Hitler é de 20 de julho de 1933, mais ou menos no tempo em que Heidegger foi eleito reitor da Universidade de Friburgo na Brisgóvia.

Ao longo da história dos feitos e fatos, a inquisição não foi apenas da Igreja Católica mas de toda instituição religiosa monoteísta, seja judaica, cristã ou muçulmana. É o recurso de toda religião autoritária sentir-se dona e guarda da verdade. Simone Weil, em seus *“Écrits de Londres et dernières lettres”* (Paris, Gallimard, 1957, p. 141) reconhece o nexo intrínseco entre infalibilidade e opressão, nos seguintes termos: “Il faut avouer que le mécanisme d’oppression spirituelle et mentale propre aux partis, a été introduit dans l’histoire par l’Eglise Catholique dans la lutte contre l’hérésie”.

Na Preleção de 1942 sobre Parmênides (GA 54), Heidegger mostra como todo império necessita de um discurso de violência para sustentar sua dominação contra qualquer élan de libertação da liberdade. Victor Klemperer em *“Lingua Tertii Imperii”* (Leipzig, Reclam Verlag, 1975) mostrou essa necessidade política de dominação tanto no tocante ao Império Romano, quanto no que se refere ao “Terceiro Reich”. O nazismo não inventou nada de novo, apenas repetiu, em novas condições, a necessidade de toda ditadura de utilizar um mecanismo de opressão espiritual, mental e físico para conservar-se no poder. Toda interpretação de qualquer sistema de repressão tem de levar em conta que o braço que vibra o golpe, é tão desumano quanto, sobretudo, a mente e o espírito que criam a necessidade e escolhem as línguas da dominação.

A separação de Heidegger do cristianismo institucionalizado no “sistema do catolicismo”, como “visão de mundo” e “concepção de vida” constitui obstinadamente em princípio de todo e qualquer totalitarismo. Pois põe em questão as próprias condições de possibilidade de qualquer totalitarismo. Toda racionalidade absoluta arrasta consigo a irracionalidade. Dizer “tudo que é racional é real” equivale a admitir implicitamente o oposto: que tudo que for irracional é real e tudo que for real tem de incluir o irreal como contraposto. Lógico é o ser vivo que tem medo de ser ilógico, que sacrifica tudo, até o mistério da vida. Tertuliano já percebera no IIº século d. C.: *“credo quia absurdum”*, pois todo crer é viver.

Espiritualidade e mentalidade são processos convertíveis com ideologia, visão de mundo e concepção de vida. Mentalidades são fábricas onde se geram ideologia de qualquer

natureza. Pois mentalidades produzem ideologias e ideologias produzem visões de mundo e concepções de vida e vice versa.

A fenomenologia dos fenômenos independe dos usos que deles se venha a fazer. A atividade e o exercício da fenomenalidade são autônomos, realizam-se por si mesmos independentes dos usos que deles se venha a fazer. O §7 de *Ser e Tempo* e de maneira concentrada a Preleção de 1919/20 (GA58) detalhadamente nos mostram como toda redução fenomenológica, seja eidética, seja transcendental ainda estão presas às mentalidades e ideologia das estruturas. Provêm da separação entre fenômeno e fenomenologia que a intencionalidade da consciência reúne e unifica.

Todo conhecimento objetivo supõe e repousa numa interpretação da Verdade, como certeza e evidência, garantida pelo método da não falsificação. É uma transferência da infalibilidade do âmbito do poder religioso para o domínio político do conhecimento de fatos e feitos. Está em jogo sempre um positivismo metafísico quer se ignore ou não como metafísico.

Numa carta de 12.09.1929, escrita a Elizabeth Blochmann, Heidegger escreve que *“religião é uma possibilidade constitutiva da existência, modo de ser e realizar-se do homem na abertura de Ser da Pre-sença”*. Deus, ou como quer que se denomine o mistério, convoca com uma voz sempre diferente e própria de cada um.

Quando milhões de ucranianos eram condenados a morrer de fome pelo programa stalinista de extermínio do campesinato tradicional, tratava-se sem dúvida de um “holocausto” não acompanhado pela imprensa internacional. Nesta ocasião, aos 22 de junho de 1932, Heidegger escreveu a E. Blochmann que Roma e Moscou se equivocaram: “Moscou era a terceira Roma assim como Roma já fora a primeira Moscou”.

Na revelação de que a institucionalização da mensagem e do seguimento de Cristo não é uma ameaça mas denuncia uma blasfêmia, está em jogo uma hipocrisia do poder que os *Beiträge* caracterizaram como “niilismo religioso” (GA 65 p. 139).

Numa visita ao campo de Auschwitz o papa polonês atreveu-se a interpelar Deus: “onde estavas em Auschwitz?” – nem se deu conta do atrevimento niilista da interpretação. Pois Deus estava e está presente sempre por toda parte, tanto no sofrimento das vítimas como no coração dos algozes. Ou será que não era atrevimento nenhum, mas uma satisfação à opinião da imprensa internacional? Novamente, tanto a ideia assassina como a mão que golpeia se equivalem em igual iniquidade. Por isso também, é que Stéphane Zagdanski, em seu *De l'antisémitisme* (Paris, Climats, 1995, p. 20) escreveu com desassombro: “Pour des raisons qu’il serait trop long de décartiquer ici, Hiroshima, Nagasaki, mais aussi la moindre tentative de change de cellules humaines en creux d’une glaciale éprouvette, perpétuent l’idée d’Auschwitz”. “Por razões que seria por demais longo expor aqui, Hiroshima, Nagasaki mas também a menor tentativa de clonagem de células humanas no fundo de uma retorta perpetuam a ideia de Auschwitz”.

Rio de Janeiro, janeiro de 2015